

# PRINCÍPIOS DE ESCATOLOGIA CRISTÃ: MORTE, JUÍZO, PARAÍSO, PURGATÓRIO, INFERNO

*Paraíso, reino do amor*

O Paraíso constitui a meta final para a qual fomos criados. O da Igreja Católica (1023), diz:

«Os que morrerem na graça e na amizade de Deus e estiverem perfeitamente purificados, viverão para sempre com Cristo. Serão para sempre semelhantes a Deus, porque o verão “tal como ele é” (1Jo 3,2), “face a face” (1Cor 13, 12)». Tal como é escrito no Livro do Apocalipse:

*«O trono de Deus e do Cordeiro estará na cidade e os seus servos hão-de adorá-lo e vê-lo face a face, e hão-de trazer gravado nas suas frentes o nome do Cordeiro. Não mais haverá noite, nem terão necessidade da luz da lâmpada, nem da luz do Sol, porque o Senhor Deus irradiará sobre eles a sua luz e serão reis pelos séculos dos séculos» (Ap 22,3-5)*

A nossa fé assegura-nos que no Paraíso gozaremos da «visão beatífica», veremos a Deus «face a face», participaremos da mesma felicidade da Santíssima Trindade: uma felicidade imensa, sem medida:

«Pela sua morte e ressurreição, Jesus Cristo «abriu-nos» o céu. A vida dos bem-aventurados consiste na posse em plenitude dos frutos da redenção operada por Cristo, que associa à sua glorificação celeste aqueles que n’Ele acreditaram e permaneceram fiéis à sua vontade. ***O céu é a comunidade bem-aventurada de todos os que estão perfeitamente incorporados n’Ele***». (Catecismo, 1026)

«Este mistério de comunhão bem-aventurada com Deus e com todos os que estão em Cristo ultrapassa toda a compreensão e toda a representação. A Sagrada Escritura fala-nos dele por imagens: vida, luz, paz, banquete de núpcias, vinho do Reino, casa do Pai, Jerusalém celeste, paraíso: aquilo que «*nem os olhos viram, nem os ouvidos escutaram, nem jamais passou pelo pensamento do homem, Deus o preparou para aqueles que O amam*» (1 Cor 2, 9). (Catecismo, 1027)

Em virtude da sua transcendência, Deus não pode ser visto tal como é, senão quando Ele próprio abrir o seu mistério à contemplação imediata do homem e lhe der capacidade para O contemplar. Esta contemplação de Deus na sua glória celeste é chamada pela Igreja «visão beatífica».

São Cipriano dizia: *«Qual não será a tua glória e a tua felicidade quando fores admitido a ver a Deus, a ter a honra de participar nas alegrias da salvação e da luz eterna, na companhia de Cristo Senhor teu Deus, [...] gozar no Reino dos céus, na companhia dos justos e dos amigos de Deus, das alegrias da imortalidade alcançada!»* (Catecismo, 1028)

Sobre a condição dos bem-aventurados não temos muitas afirmações a fazer: a Revelação se exprime por alusões, metáforas e sobriedade.

Reportemos o episódio da Transfiguração, narrado pelos três evangelhos sinópticos (cf. Mt 17,1-8; Mc 9,2-8 e Lc 9,28-36).

*«Jesus tomou consigo Pedro, Tiago e seu irmão João, e levou-os, só a eles, a um alto monte. Transfigurou-se diante deles: o seu rosto resplandeceu como o Sol, e as suas vestes tornaram-se brancas como a luz. Nisto, apareceram Moisés e Elias a conversar com Ele. Tomando a palavra, Pedro disse a Jesus: «Senhor, é bom estarmos aqui; se quiseres, farei aqui três tendas: uma para ti, uma para Moisés e outra para Elias.» Ainda ele estava a falar, quando uma nuvem luminosa os cobriu com a sua sombra, e uma voz dizia da nuvem: «Este é o meu Filho muito amado, no qual pus todo o meu agrado. Escutai-o.» Ao ouvirem isto, os discípulos caíram com a face por terra, muito assustados»* (Mt 17,1-6)

São Paulo teve uma experiência parecida: *«fui arrebatado até ao terceiro céu»* (2Cor 12,2), mas não descreve os pormenores, deixa apenas entender que se tratar de um estado de plena beatitude: *«E ouvi palavras inefáveis que não é lícito a um homem proferi-las»* (2 Cor 12,4)

O que sabemos dos nossos queridos defuntos é que agora vivem em Deus, no mais alto do Céu, a nós veem, nos acompanham e nos amam; estão sempre ao nosso lado, intercedendo em nosso favor. Assim, quando, por misericórdia divina, estivermos reunidos a eles, na outra vida, sem dúvida teremos como os reconhecer, embora as nossas relações lá passem a ser diferentes, porque isso ocorrerá em Deus, na plenitude total de seu amor.

As almas do paraíso não acrescentam nada à Santíssima Trindade. Deus é perfeito e absolutamente suficiente, não precisa das criaturas, dos homens e dos anjos. Deus criou-as por amor, somente por amor, um amor gratuito e incondicional. É por amor que Deus criou os homens e os anjos e os destinou ao Paraíso. A felicidade eterna do Céu constitui o fim último de toda a criação e consiste na contemplação de Deus para sempre. Na eternidade de Deus, todos se amam imensamente. O Paraíso é amor, alegria e paz, dos quais todos tomam parte...

### *Como podemos teoricamente imaginar o Paraíso?*

Podemos pensar que no Céu existem diversos graus de participação na alegria e no amor de Deus. Tais graus estão relacionados com o estado de santidade, maior ou menor, de cada alma. Assim, por exemplo, serão diferentes as formas de alegria de São Francisco de Assis e do Bom Ladrão. Em conformidade com as diferenças entre os homens nessa terra, assim serão também no Paraíso. Mais ou menos, como o que acontece com as estrelas do céu: existem as que brilham mais e outra que brilham menos. Assim acontece com os homens, todos participam da «visão beatífica», mas em medida diferente. Cada um terá o máximo de esplendor e de felicidade, segundo a sua capacidade, conforme o modo como viveu. Haverá quem têm uma capacidade maior e outro que têm uma capacidade menor, mas não haverá inveja ou ciúme de uns em relação aos outros. Reinará a harmonia, alegrando-se um para com os outros pela glória que cada um possui. No Paraíso não há ciúmes, pois cada um percebe a vontade de Deus e está em harmonia com Deus, e nisso encontra a paz; uma paz completa, eterna e definitiva.

### *As almas no Purgatório*

O Purgatório é o lugar, ou melhor, o estado onde se encontram as almas que não foram admitidas imediatamente à contemplação da face de Deus, mas que necessitam antes de uma purificação.

O Catecismo da Igreja católica fala da purificação final do Purgatório e menciona as almas dos «*que morrem na graça e na amizade de Deus, mas não de todo purificados, embora seguros da sua salvação eterna*». Estas almas «*sofrem depois da morte uma purificação, a fim*

*de obterem a santidade necessária para entrar na alegria do céu».*  
(Catecismo, 1030)

Podemos pensar que no Purgatório existem diversos graus ou estágios de purificação, conforme a situação de cada alma. Há estágios inferiores, tremendos e dolorosos, mais próximos do Inferno; e também estágios mais elevados, mais próximos da felicidade do Paraíso. Os vários estágios de purificação estão ligados aos diversos estados de alma.

No Purgatório, as almas encontram-se, de modo geral, numa condição de enorme sofrimento. Nossa Senhora, em Medjugorje, numa mensagem, à qual devermos dar atenção, pediu que rezássemos muito por essas almas. Com efeito, sabemos que podem interceder por nós e obter-nos muitas graças, ao passo que, para si mesmas, não podem mais obter nenhum merecimento. Com a morte, acaba o tempo em que podem ganhar méritos. Por isso, as almas que estão no Purgatório precisam do nosso auxílio para abreviar o tempo de purificação.

Podemos ajudá-las com as nossas orações e com as ofertas dos nossos sacrifícios. Nos funerais, sobretudo para os praticantes, costuma-se celebrar a «Missa de corpo presente» e, depois, a «Missa de sétimo dia» e de «trigésimo dia». Além disso, muitas pessoas, costumam rezar o Terço pelas almas do Purgatório.

Outras pessoas recorrem às «Missas gregorianas», que é, uma série de trinta Missas diárias seguidas por um falecido. Trata-se de uma prática introduzida por São Gregório Magno, no século VI. Tem como fundamento numa visão que ele teve de um confrade que morreu sem confissão. Este, tendo ido ao Purgatório, apareceu-lhe, solicitando que celebrassem algumas Missas em seu favor. O papa começou a celebrar a Missas por diversos dias consecutivos, até atingir o total de trinta. Nesse ponto, o falecido apareceu de novo, feliz por ter sido admitido no Paraíso.

Trata-se de uma prática, certamente valiosa, mas, como todas as práticas, não podemos dizer que “funcione” como um “botão mágico”, pensar assim seria uma atitude de ritualismo mágico, inaceitável e incorreto no que se refere ao sacramento. De fato, tudo é colocado nas mãos da misericórdia divina.

A propósito das Missas, é preciso dizer ainda que podem ser aplicadas a todos os mortos, mas, em última análise, é Deus que as destina aos que realmente necessitam.

De tudo quanto foi exposto, surge um afetuoso conselho: mais vale expiar nessa vida, sofrendo, procurando santificar-se, do que, de um modo simplista, aspirar ao Purgatório, onde os sofrimentos são longos e penosos.

### *As penas do Inferno*

O livro do Apocalipse afirma textualmente que *«foi precipitado aquele grande dragão, aquela antiga serpente, que se chama o Diabo Satanás, que seduz todo o mundo; e foi precipitado na terra e foram precipitados com eles os seus anjos»* (Ap 12,9). Por que foram precipitados na terra? Para perseguir os homens, procurando conduzi-los à perdição eterna.

Como se pode admitir que esse enredo, que abarca a todos, esteja nos planos de Deus? A razão reside na liberdade que Deus concedeu aos seres humanos. Sem dúvida, ninguém ignora que a missão de Satanás e de seus seguidores consiste em desgraçar o homem, seduzindo-o e fazendo-o pecar, isto é, levá-lo à infelicidade, longe da plena participação da vida para a qual fomos chamados — ou seja, o Paraíso.

O Inferno, pois, é o estado na qual os demónios e os homens condenados, por sua explícita e irrevogável escolha de se rebelar contra Deus, ficam distantes do Criador, dos anjos e dos santos, numa condição permanente e eterna de condenação, isto é, de tribulação.

A Igreja ensina que o Inferno consiste na exclusão voluntária da comunhão com Deus:

«Não podemos estar em união com Deus se não escolhermos livremente amá-Lo. Mas não podemos amar a Deus se pecarmos gravemente contra Ele, contra o nosso próximo ou contra nós mesmos: *«Quem não ama permanece na morte. Todo aquele que odeia o seu irmão é um homicida: ora vós sabeis que nenhum homicida tem em si a vida eterna»* (1Jo 3, 14-15). Nosso Senhor adverte-nos de que seremos separados d'Ele, se descurmarmos as necessidades graves dos pobres e dos pequeninos, seus irmãos (Mt

25,31-36). Morrer em pecado mortal sem arrependimento e sem dar acolhimento ao amor misericordioso de Deus, significa permanecer separado d'Ele para sempre, por nossa própria livre escolha. E é este estado de autoexclusão definitiva da comunhão com Deus e com os bem-aventurados que se designa pela palavra “Inferno”». (Catecismo, 1033)

Portanto, o Enfermo é por aquele que morre em pecado mortal sem estar arrependido; quem, de forma impenitente, não amou. Não é Deus que o predestina ao Inferno, mas é ele que o escolhe pela vida que levou.

### *Relatos sobre o Inferno*

Acerca do Inferno, conhecemos alguns relatos que — tratando-se de revelações ou experiências privadas não somos obrigados a crer — mas que considero merecedores de grande crédito.

*Santa Faustina Kowalska*, no seu diário, faz um relato das “viagens” que fez ao Inferno.

«É um lugar de grandes tormentos, tendo em vista toda a sua extensão pavorosamente grande. São diversos tormentos que eu vi: o primeiro tormento, o que constitui o Inferno, é a perda de Deus; o segundo, os contínuos remorsos da consciência; o terceiro, a certeza de que aquele destino não mudará nunca; o quarto, o fogo que penetra na alma sem a destruir. Este é um tormento terrível: é um fogo puramente espiritual, que é alimentado pela ira de Deus. O quinto tormento é a escuridão contínua, um horrível e sufocante cheiro nauseabundo, em meio ao qual, apesar das trevas, podem-se ver o Demónio e as almas condenadas, umas em face das outras, e igualmente todos os males dos demais e os nossos próprios. O sexto tormento: a companhia contínua de Satanás; o sétimo tormento é um tremendo desespero; o ódio a Deus, as imprecações, maldições, blasfémias. Esses são os tormentos que todos os condenados sofrem juntos, mas essa não é a finalidade das punições. Há formas de tormentos especiais para diversas almas, e são os tormentos dos sentidos. Cada alma é afligida de maneira terrível e indiscriminável pelo pecado que praticou. Há horríveis cavernas, precipícios e tormentos, sendo cada suplício diferente do outro [...]. O pecador sabe que será punido pelo sentido que o levou a pecar [...]. O que relatei é uma

pálida imagem do que vi. Observei que a maior parte das almas que lá se encontram são almas que não acreditavam que pudessem cair no Inferno. Quando recobrei os sentidos, não consegui reerguer-me do pavor em face do pensamento das almas que ali sofrem tão horrivelmente; por isso, rezo com maior fervor pela conversão dos pecadores, e invoco incessantemente a misericórdia de Deus em favor deles.» (Diário, 741)

*Temos também o testemunho de Glória Polo.*

Glória Polo, dentista colombiana, viveu uma experiência extraordinária, a qual pôs de ponta-cabeça a sua vida.

No dia 5 de maio de 1995, essa senhora foi atingida por um raio, que quase carbonizou o seu corpo. Glória era uma católica “fria”, de espírito crítico em relação a Igreja, favorável à eutanásia, muito preocupada com o próprio corpo e voltada para a Nova Era. Era afeita a frequentar bruxos e cartomantes que prediziam o futuro. Depois de ser atingida pelo raio, o seu corpo ficou por vários minutos sem vida por causa de uma paragem cardíaca. Durante esse tempo, Glória passou por uma experiência de quase morte. Encontrou-se num túnel, em cuja extremidade havia uma forte luz. Nesta luz identificou os pais falecidos: estava no Paraíso. Em contrapartida, experimentava sempre sentimentos cada vez mais fortes de culpa pela fraca fé que tivera em vida, o que a impedira de permanecer naquela luz. De repente, foi precipitada no abismo mais profundo. Muitos demónios começaram a persegui-la, tentando arrebatá-la. Ela relata ter percorrido muitos túneis que existiam mais abaixo, organizados em forma de colmeias e habitados por muitos homens, jovens, velhos e crianças que choravam e rangiam os dentes, com rugidos espantosos. Alguns destes eram suicidas. Glória estava persuadida de que estava num lugar de morte espiritual, de condenação eterna, sem retorno, sem esperança. Estava agora no Inferno. Somente a intervenção de São Miguel Arcanjo, que a segurou pelos pés trazendo-a para junto de si, impediu que se precipitasse definitivamente. Eis como ela conta: “Foi um momento terrível e verdadeiramente doloroso, quando cheguei àquele ponto, a luz que ainda restava em meu espírito aborrecia aos demónios; esses horripilantes seres imundos, que lá se achavam, prenderam-se a mim imediatamente [...]. Quanta coisa queimava! Irmãos, são trevas

vivas, é um ódio que arde e nos devora, que nos põe a nu. Não há palavras para descrever aquele horror!”

Para conhecer mais a fundo a história, veja-se o livro de Irene Corona, *Glória Polo, da sostenitrice dell'eutanasia a paladina della vita*, Edizioni Segno, Feletto Umberto (UD) 2012.

### *Temos depois os testemunhos de Fátima e de Medjugorje*

As visões e relatos aqui contidos, embora de forma bem sintética, devem fazer-nos refletir. Por isso, em Fátima, a Virgem disse às crianças: «*Rezai e fazei sacrifícios, muitas almas vão para o Inferno, porque não há ninguém que reze e faça sacrifícios por elas*».

Por sua vez, em Medjugorje, Nossa Senhora disse três coisas interessantes que confirmam o que ensina o Catecismo, e que sumariamente já relatamos: o Inferno é eterno; impossível que alguém se converta no Inferno, porque, de nenhum modo, ninguém desejaria fazê-lo; no Inferno, tornamo-nos partícipes da própria essência do Inferno, isto é, a pessoa torna-se, por assim dizer, um “fragmento do Inferno”.

### *Como as devemos entender?*

Como que devemos entender, de modo mais exato, os testemunhos que acabamos de relatar? Sendo o Inferno o reino do ódio, as almas condenadas são submetidas, em primeiro lugar, ao tormento dos demónios e, depois, aos sofrimentos que as almas reciprocamente se infligem uma às outras. O Inferno é um lugar de blasfémia e de medo. As almas suportam uma sujeição recíproca imposta pelo terror e pelo ódio. Existe uma diferença abissal com o Paraíso, que é um local onde todos se amam; lugar no qual quando uma alma encontra outra mais santa, sente imenso gozo, porque rejubila da felicidade alheia que também a contagia.

### *Alguns dizem que o Inferno estaria vazio.*

A resposta para essa afirmação encontra-se no capítulo 25 do Evangelho de São Mateus, onde se fala do Juízo Final: alguns são “benditos” e se aproximam eternamente de Deus; outros são “malditos” e vão para o fogo eterno. Certamente desejaríamos que o



Inferno estivesse vazio, sabendo que “Deus não quer a morte do pecador, mas que se converta e viva” (cf. Ez 33,11).

Para esse efeito, Deus proporciona a todos a sua misericórdia e os meios da graça necessários para se salvarem e Jesus deu aos Apóstolos o poder de perdoar os pecados: «*Aqueles a quem perdoardes os pecados, e a quem não perdoardes, ser-lhes-ão retidos*» (Jo 20,23). O Senhor, portanto, convida-nos insistentemente à conversão contínua, com o apoio da Sua graça que vem dos sacramentos.

Propomos aqui uma reflexão do Padre Paulo Ricardo.

A Igreja sempre ensinou que, embora não possamos afirmar que este ou aquele indivíduo esteja no Inferno, não temos razões para crer que ele esteja vazio, pois certamente está povoado por milhões e milhões de demônios.

Ao contrário do que se crê em alguns meios, a pregação sobre o Inferno já ajudou muitas pessoas a se converterem, porque a simples meditação sobre as penas dos condenados e a ausência do amor de Deus é muitas vezes suficiente para levar as almas ao arrependimento e à mudança de vida.

No entanto, durante o século XX, tornou-se cada vez mais comum omitir a meditação sobre o Inferno e até mesmo negar a existência dele. Também houve quem abraçasse a ideia de que, embora a existência do Inferno seja uma verdade de fé, os cristãos poderiam ter boas razões para esperar que ele estivesse vazio. Curiosamente, esse fenômeno propagou-se no século das aparições de Nossa Senhora de Fátima aos três pastorinhos, e foi justamente numa dessas aparições que a Virgem Santíssima lhes mostrou o Inferno. Depois dessa experiência sobrenatural, Lúcia, Jacinta e Francisco foram tomados pelo zelo missionário de oferecer sacrifícios e orações pelos pecadores.

A controvérsia sobre o Inferno cresceu, em grande medida, por causa da obra *Tratado sobre o Inferno* (sem edição no Brasil), do teólogo jesuíta Hans Urs von Balthasar (1905-1988). Embora não afirme categoricamente que o Inferno esteja vazio, von Balthasar sugere que todo bom cristão deve esperar que não haja ninguém lá. Trata-se de uma elaboração teológica sofisticada que, embora não pareça herética em si mesma, é, contudo, difícil de defender, dada a multidão de santos e sábios que interpretam o tema de modo muito diferente. Além disso, a Igreja não reza para que se salvem *todos* os homens que *já viveram*, mas para que se salvem todas as pessoas que hoje estão vivas, por mais pecadoras que sejam.

Von Balthasar tentou justificar sua posição com base no relato de uma revelação privada feita a Adrienne von Speyr, uma de suas dirigidas

espirituais. De acordo com ela, no Sábado Santo Jesus teria ido sofrer as penas do Inferno para que nós não tivéssemos de sofrê-las. Trata-se, porém, de uma afirmação que não encontra respaldo algum no Magistério nem na Tradição da Igreja.

Na esteira do teólogo dominicano António Royo Marín, entendemos que, por uma questão de *caridade*, jamais devemos deixar de falar aos fiéis sobre a existência do Inferno, sobre os seus tormentos e a *possibilidade real* de sermos condenados.

Tampouco podemos, por outro lado, adotar um otimismo extremo, quando não ingênuo, simpático à ideia de que *todas* as pessoas se salvarão. Antes, é preciso insistir que caminhamos por uma via estreita, ladeada de dois abismos: o do desespero, no qual todos vão parar ao Inferno, e o da presunção, que nos pode condenar por fazer pensar que ninguém se condena, e entre eles está justamente o fio da espada sobre o qual devemos trilhar nosso itinerário nesta vida. Sabemos com toda certeza que Deus quer a nossa salvação, e a forma ordinária de alcançá-la é a recepção frequente dos sacramentos, por meio dos quais são perdoados os nossos pecados, são curadas as nossas feridas e nós, pela graça, nos tornamos partícipes da natureza divina.

Dito isso, é preciso lembrar ainda que a salvação de uma pessoa que, por algum motivo, está impossibilitada de receber os sacramentos necessários é um fenômeno excepcional, do qual só Deus, em seus designios secretos, pode ter conhecimento. Foi por isso que Nossa Senhora, ao revelar o Inferno aos três pastorinhos, deu àquelas crianças a graça de oferecerem inúmeros sacrifícios pela salvação dos pecadores. Após essa visão, o coração delas configurou-se de tal modo ao de Cristo, que perderam o medo de carregar a cruz por amor a nós.

Não esperemos, pois, de braços cruzados e indiferentes que o Inferno esteja *vazio*: antes, por amor aos pecadores, trabalhemos para que ele se *esvazie*, não porque os demônios e condenados um dia sairão de lá, o que é impossível, mas para que os milhões e milhões de pecadores vivos encontrem luz e graça através do Imaculado Coração de Maria. Unamos os nossos sacrifícios e preces aos dos três pastorinhos, para que os pobres pecadores não terminem no fogo eterno. Essa é a nossa missão!

### *O julgamento da vida*

A Igreja ensina que após a morte, cada um de nós terá um encontro com Cristo, o chamado juízo particular, e que também haverá uma retribuição individual segundo o bem ou o mal que tiver feito durante a vida terrena. A parábola do pobre Lázaro, as palavras que Cristo

Jesus dirigiu ao bom ladrão na cruz e outras passagens bíblicas do Novo Testamento falam do destino individual que pode ser diferente por cada alma. Após o juízo particular, a alma pode ir diretamente para o Céu; pode passar pela purificação do Purgatório, ou ainda, para a condenação do Inferno.

O Catecismo da Igreja Católica afirma:

*«A morte põe termo à vida do homem, enquanto tempo aberto à aceitação ou à rejeição da graça divina, manifestada em Jesus Cristo (2Tim 1,9-10). O Novo Testamento fala do juízo, principalmente na perspectiva do encontro final com Cristo na sua segunda vinda. Mas também afirma, reiteradamente, a retribuição imediata depois da morte de cada qual, em função das suas obras e da sua fé. A parábola do pobre Lázaro (Lc 16,22) e a palavra de Cristo crucificado ao bom ladrão (Lc 23,43), assim como outros textos do Novo Testamento (2Cor 5,8; Fil 1,23; Heb 9,27), falam dum destino final da alma (Mt 16,26), o qual pode ser diferente para umas e para outras». (CIC 1021)*

*«Ao morrer, cada homem recebe na sua alma imortal a retribuição eterna, num juízo particular que põe a sua vida em referência a Cristo, quer através duma purificação, quer para entrar imediatamente na felicidade do céu, quer para se condenar imediatamente para sempre (Concílio de Lião)» (CIC 1022).*

Logo a seguir acrescenta uma frase de São João da Cruz: *«No ocaso da vida, seremos julgados pelo amor»*. O derradeiro critério do nosso julgamento será o amor para com Deus e para com os irmãos.

*Como se dará, então, o julgamento particular?*

Não sabemos, mas podemos pensar que cada pessoa será colocada diante da verdade e fará a revisão da sua própria vida. Conhecerá, de forma imediata e completa, o bem e o mal que praticou em vida e, portanto, o seu verdadeiro estado espiritual, e irá para onde o estado da sua alma o conduzirá. Será um momento solene de verdade, um momento tremendo e sem volta, assim como será sem volta o local que será indicado para cada um.

*O Juízo Final ao fim da história*

A Igreja ensina que:

*«O Juízo Final terá lugar quando acontecer a vinda gloriosa de Cristo. Só o Pai sabe o dia e a hora, só ele decide sobre a Sua vinda. Pelo Seu Filho Jesus Cristo. Ele pronunciará então a Sua palavra definitiva sobre toda a história. Nós ficaremos a saber o sentido último de toda a obra da Criação e de toda a economia da Salvação, e compreenderemos os caminhos admiráveis pelos quais a sua Providência tudo terá conduzido para o seu fim último».* (Catecismo, 1040)

O Juízo Final coincide com o retorno final de Cristo, ao fim do mundo, cuja data não se conhece. Será precedido imediatamente pela Ressurreição dos mortos. O Catecismo especifica: *«É perante Cristo, que é a Verdade, que será definitivamente posta a descoberto a verdade da relação de cada homem com Deus».* (Catecismo, 1039)

### *Conclusão*

Vivamos, portanto, cheios de esperança, perseverantes na fé, na esperança e na caridade, sabendo que, apesar de toda a fadiga, caminhamos para Deus; embora muitas vezes feridos e atingidos pela maldade dos homens, chegará o dia em que Deus enxugará todas as lágrimas dos nossos olhos. Nesse dia *«não haverá mais morte, nem luto, nem clamor, nem mais dor, porque as primeiras coisas passaram»* (Ap 21,4).

Cf. Catecismo da Igreja Católica, n° 1020-1060

Eurides Divino Vaz, *Uma reflexão sobre o Céu, Inferno e Purgatório*, Editora Vozes, 2004

Diário de Santa Faustina Kowalska, n° 741

Padre Paulo Ricardo: <https://padrepauloricardo.org/episodios/o-inferno-esta-vazio>